João Mauricio de Nassau

Ha sabor especial em estudar os homens e as sociedades de outr'ora nos proprios sitios em que se lhes desenrolou, brusca ou lentamente, a existencia, infeliz ou ditosa. Só se comprehende bem Luiz XIV, vagueando, ao som dos passos e aos écos da historia, pelos salões e pelos quartinhos de Versalhes. Ahi se deitou o rei Sol, no occaso da velhice e das derrotas, á hora em que no céo da monarchia franceza, em nesga longinqua, sobre o absolutismo enfraquecido iam começando a passar as primeiras nuvens de trovoada.

Nesse proprio Versalhes, nas solidões, hoje agrestes, do Petit Trianon, onde Maria Antonietta ensaiava a vida pastoril á beira das correntes, já turvas, mas ainda não vermelhas da Revolução, como se reflecte proveitosamente sobre o destino da *Austriaca*, da filha de Maria Thereza!

As arvores frondosas, os riachos, os lagos estagnados, á cuja flor verde boiam tantas folhas amarellas e seccas, as casinholas rusticas, o moinho de rodas paradas, todo esse quadro outr'ora risonho e hoje saudoso, tornam mais pungente, mais vivo, o passado morto, completamente morto.

Em Potsdam, nos aposentos daquelle que os allemães modernos tratam respeitosamente de *Friedrich des Grossen;* em Malmaison, onde a alma do primeiro consul erra na viuvez do amor e da gloria, de Josephina e da campanha da Italia; no Escurial, no quarto de Felippe II, o monge dos reis; em Vienna, diante do tumu-

lo do rei de Roma, nesse sepulchro em que o *Aiglon* dobrou as azas sob o joelho da Santa Alliança; se recordam em um instante, paginas e paginas de historia, que por si mesmas se desdobram do grande livro das éras extinctas.

Assim, em lugar algum, a não ser o tumulo delle em Cleves, melhor se evoca João Mauricio de Nassau, do que em Haya, no palacio desse sujeito illustre, encarregado pela Companhia das Indias Orientaes da operação de um enxerto commercial batavo no tronco da vida brasileira.

O palacio de Nassau, o Mauritshius, foi construido paulatinamente, em onze annos (1633—1644), por Pieter Post, segundo desenhos de Jacob van Camper.

Em Paris, em pleno *boulevard des Italiens*, existe um pavilhão, ultimo resto do palacete do Marechal de Richelieu, occupado hoje pela conhecida casa Christofle. E' o pavilhão de Hannover. Outr'ora o povo assim o alcunhou porque Richelieu, de volta da campanha do Hannover, tirando as botas empoeiradas, as vestes sujas, mas ficando com as mãos pouco limpas, edificou o palacete á custa das rapinagens colhidas na ladroeira colossal da guerra.

Disseram tambem as más linguas hollandezas do tempo que o Mauritshius se construio á custa dos proventos illicitos de Nassau no Brasil hollandez. Detrahir foi sempre geito querido da lingua humana.

O Mauritshius serve agora de museu real de quadros. Fica em um recanto do *Plein* ou da Espanha, um dos pontos mais animados de Haya. E' uma praça cheia de arvores, cingida por secretarias de Estado, honrada com a estatua em bronze de Guilherme, o Taciturno, cujo silencio se deve encontrar á vontade no bronze.

O museu de Haya só se acha vencido pelo de Amsterdam na qualidade e na quantidade das telas offerecidas á massa do publico e aos visitantes de escol, cousas muito differentes, até para os simples guardas de pinacotheca. Em Amsterdam scintilla, é o termo, enorme diamante de arte, Estrella do Sul da pintura,

a admiravel e admirada, adoravel e adorada «Ronda Nocturna». Mas, no Mauritshuis, estão o «Touro», de Potter e a «Lição de anatomia». Não se preciza dizer mais.

Depois de haver contemplado as telas, sobre as quaes se fixou o genio de tantos pinceis illustres, Potter após Rembrandt, ou a forca de talentos multiplos, Wouverman depois de Ruysdael, Van Ostade em seguida a Metsu, o Brasileiro deve começar a lembrar-se de Nassau.

Nesse museu de apparencia severa e de interior austero, viveu por algum tempo o famoso mantenedor da ordem hollandeza em Pernambuco.

Procure-se ahi uma sala mais afastada, num dia de chuva, dia em que pouca gente visita a galeria, leve-se o caderno de notas no qual o estudioso copiou as cartas de Nassau dirigidas aos Estados Geraes das Provincias Unidas.

Aos poucos as télas do museu vão desapparecendo, tornando-se quadros dissolventes.

Talvez nesse quarto, onde a gente está a reler as suas notas, colhidas nos archivos, estivesse Nassau pensativo, meditabundo, a rever os transes do seu accidentado Governo nas alturas de Pernambuco.

São interessantissimas as cartas de Nassau dirigidas por elle aos «muito poderosos senhores» membros dos Estados Geraes. Escreveu-as ao acaso dos combates, em dias de relativa serenidade, em momentos de luta, ao respirar das treguas. Data-as ora de Penedo, ora de Anthonivaz, ao sabor das circumstancias, essas compressoras supremas dos homens e das suas resoluções mais pensadas.

As cartas de Nassau permittem seguir, dia por dia, quasi hora por hora, a luta intima do guerreiro que a Companhia das Indias Orientaes poz á testa dos seus combates no Brasil.

O estylo é o homem, disse o naturalista de punhos rendados. A carta é o coração, bom ou máo, nobre ou mesquinho, sublime ou vil, altivo ou baixo. A carta,

quer grande, quer pequena, é a folha de papel onde a alma se deita, a medida de suas qualidades ou de seus vicios. A carta é a camara escura onde, as revelações da curiosidade, as imagens feias, bonitas, graciosas, repulsivas, se vão desenvolvendo e fixando á proporção da leitura.

Na correspondencia de Nassau estão o ser e a vida delle, no Brasil, perfeitamente espalhadas e espelhadas. A série das missivas, começando em Abril de 1637, termina em fins de 1643, seis annos, mais ou menos.

A primeira carta, escripta em Porto-Calvo, dirigida aos Estados Geraes, vem datada de 8 de Março e foi recebida pelos destinatarios a 6 de Junho de 1637. A ultima se encontra redigida em Mauritztad, a 7 de Novembro de 1643, e alcança o respectivo destino a 18 de Janeiro do anno seguinte.

Desde a partida da Inglaterra, a 6 de Dezembro de 1636 até deixar o Brazil em 1643, de quantas emoções foi theatro o animo de Nassau!

Vale a pena seguil-o no curso dellas. Equivale a deixar sobre a nossa historia um reflexo da civilização européa.

A historia do Brasil, modesta mas honesta, no dizer de Pedro II, carece, de certo, do encanto variado da historia de outros povos, da historia franceza, por exemplo.

Nesta, os quadros demarcados visinham com uma infinidade do que chamarei, com licença do leitor, de quadros de genero da historia. Ao pé da carnificina de Waterloo, nações sobre um homem, o continente em cima de um paiz, se póde enxergar, entre outras cousas, milhares de episodios almiscarados, galantes, a pastel, milhares de anecdotas através de cujas reticencias se adivinha um mundo, como á meia luz da lamparina clara, ás vezes, o aposento inteiro. O lado anecdotico da nossa historia é escassissimo.

Qualquer anecdota de historia patria faz barulho pela razão da sonoridade das pessoas nos palcos vasios.

Somos uma nação nova. Os povos não envelhecem como os individuos. Uma nação de quatro seculos é infante. Faltam-nos um passado compacto, camadas e camadas de tradições. A presença de individuos como Nassau, no tablado da nossa historia, imprime á scena um caracter de novidade, de relevo digno de nota.

Nassau é uma das figuras mais representativas do lado exotico da nossa historia.

A 17 de Junho de 1604, em Dillemburgo, cidade allemã no reino da Prussia, ás margens do Dill, na provincia de Wiesbaden, nascia um menino. Filho do Conde João VI de Nassau-Dillemburgo, recebeu o nome de João Mauricio de Nassau.

Em 1621, esse menino feito homem, depois de haver estudado nas universidades de Basiléa e Genebra, se alistava no serviço da Hollanda.

Cheio de merecimento, em breve se distinguio, já ás ordens do Principe de Orange, já nos sitios de Grol e de Maestricht (1626—1632).

A Companhia das Indias Orientaes o destacou para a segurança da conquista, para a colonização e o desfructe de Pernambuco. Sabem todos como o missionario esteve á altura da missão, immortalizando-se na Historia do Brasil.

As cartas de Mauricio de Nassau aos Estados Geraes das Provincias Unidas, de 1637 a 1643, permittem esquadrinhar todos os recantos da casa de negocios que foi o Brasil hollandez.

Como já dissemos, Nassau partio da Inglaterra a 6 de Dezembro de 1636. Aos 23 de Janeiro, com boa saúde, chegou á vista do Recife e á frente das difficuldades que o aguardavam na terra brasileira.

Vamos vêl-o ahi tentar servir á companhia no alcance de suas forças, que eram muitas, e de seus talentos, que eram multiplos. Apreciando o periodo do Governo de Nassau, as más linguas hollandezas, entre as quaes as dos «muito altos e poderosos» membros

da Companhia, accusaram o Principe de querer talhar um principado nas terras da conquista, aliás tão aleatoria.

Que pensaria Nassau á vista do Recife, apresentando-se ás praias brasileiras após a longa travessia, desdobradas as velas as bachechas do vento, dias e dias, sobre a serenidade monstruosa do oceano, imagem perfeita das aventuras, calmas na apparencia, num momento trazendo a convulsão e a morte!

Mal desembarca, Nassau corre ao encontro do inimigo. Reune a tropa, apura, para marchar contra o adversario, tres mil soldados, oitocentos marinheiros armados de espingardas e seiscentos nacionaes. Offerece batalha aos contrarios, a 18 de Fevereiro de 1637, e marcha sobre o forte perto de Porto-Calvo onde se achava o Conde de Bagnuolo. Este, em desordem e debandada, se retira para Alagôas, deixando após si peças de artilharia, muita gente e esperanças desilludidas.

Nassau não perde tempo. Investe contra Porto-Calvo. Consegue a capitulação do fórte sob o commando do Tenente-General hespanhol Miguel Giberton. O forte se entrega e deixa ás mãos de Nassau oito capitães, sete estudantes, tresentos hespanhóes, cento e dez italianos, além de feridos e doentes, trinta e uma peças de artilharia e grande porção de munições bellicas.

«Muito altos e poderosos senhores da Companhia. Eis todo o armazem do Rei da Hespanha, exclamou Nassau. O Conde Bagnuolo não tem mais uma peça de artilharia. Os indios estão submissos. Obrigarei o inimigo a transpôr a outra margem do São Francisco».

Assim estréa Nassau no alto posto de Chefe do Brasil Hollandez, aos trinta e tres annos de idade, collocado entre os sorrisos da virilidade e os encantos da victoria.

Com effeito o inimigo transpõe o São Francisco. Constróem-se fortes nesse rio e perto de Penedo.

Sob a couraça do guerreiro póde estar á larga o

coração do homem. Do coração de Nassau, á vista do S. Francisco, desabrocha uma saudade e elle escreve: «O S. Francisco é tão largo quanto o Mosa diante de Delfshaven e ser-me-ha difficil dar idéa da velocidade de sua correnteza».

Emquanto Nassau batalha no Brasil, a Companhia das Indias Orientaes lhe secunda a acção militar, discutindo apenas todos os proventos a haurir da conquista.

«Os medicos arengam á cabeceira do doente, diz Nassau. As forças do enfermo declinam. A cura coincidirá com a morte».

Nassau entende, porém, varrer a sua testada, arredando responsabilidades futuras. Esclarece os «altos e poderosos senhores» do conselho da companhia, precavendo-os contra os perigos do monopolio commercial exercido pela companhia. Mostra-lhes, com argumentos longos e de peso economico, as desvantagens do monopolio no presente e no futuro.

A liberdade de commercio e o iman do lucro podiam attrahir a immigração. Os nacionaes se insurgiam contra o monopolio. Preferimos desamparar nossas plantações, deixar parados nossos engenhos, do que trabalhar para a companhia, clamava a gente pernambucana, esquecída que os negros suavam para ella.

O monopolio será a ruina da companhia, allega, depois de Pernambuco, Mauricio de Nassau. Basta reservar-se algumas especies de mercadorias, accrescenta, e os negociantes não perturbarão os negocios da companhia.

Nassau manejava a penna aconselhando e a espada pelejando. Intenta e leva a cabo uma expedição contra a Bahia, máo grado a deficiencia de forças militares. Choviam cartas da Hollanda pedindo o começo das operações contra a Bahia.

Acossado pelas exigencias dos guerreiros da metropole, aconselhando operações de guerra, além do Atlantico, Nassau arremetteu contra a Bahia, certo, em virtude de informações falsas, que o Governador

da Bahia e o Conde de Bagnuolo estavam a jogar as cristas. Diante da praça, quando a ousadia e o brio já não autorizavam o recuo, Nassau reconheceu o erro.

O Governador da Bahia e Bagnuolo se tinham reconciliado «como outr'ora Herodes e Pilatos» por occasião da passagem do Nazareno pelos tribunaes da quasi sempre vendada e ás vezes vendida justiça dos homens.

Nassau é um procurador fiel da companhia. Não lhe occulta a verdade. Sabe dizel-a e, o que é mais, repisal-a em risco de molestar. O Brasil hollandez falleceu de inanição.

Mas não foi por falta de cuidados do assistente.

Nassau advertio á familia commercial delle do desfallecimento do pulso, que se tornou filliforme em 1654.

Constantemente informa a companhia, desde o inicio do seu governo, da fraqueza dos meios militares da acção: mingua de soldados, obitos frequentes, baixas constantes por terminar do tempo de praça.

O éco da metropole era perfido e illusorio, promessas, muitas promessas. A chegada dos reforços estava, no dizer da companhia, sempre imminente. Taes reforços não chegavam ao Brasil. A razão era muito simples. Os soldados não largavam pé da Hollanda. Sem munição não ha disparos.

E debique a sério, a companhia desfalcava a reduzida guarnição de Pernambuco, a flotilha ahi estacionada, despachando de uma só vez, seiscentos soldados e varias náos para as Indias Occidentaes. Medicina do Dr. Sangrado militar. Anemiava-se o doente a fortalecer com uma larga sangria, barbaramente applicada em hora de ameaça de syncope.

Uma carta de Nassau, datada de Antonivaz, a 30 de Setembro de 1638, dá perfeita e clara idéa do tom com que o procurador se dirigia aos constituintes: «Altos e poderosos senhores». Tive a honra de receber a sua carta datada de 17 de Março. Vi, com muita alegria que os fracos serviços por mim prestados, segundo o meu dever e com o favor de Deus, foram agrada-

veis a Vossas Altas Mercês. Podem estar certos que o maior contentamento por mira experimentado nesse sentido, é servir Vossas Altas Mercês e a patria. Supplico ardentemente ao Todo Poderoso para que se digne conceder-me a sabedoria necessaria e que eu possa utilmente empregar o tempo que Vossas Altas Mercês me ordenam ficar neste paiz.

Teria podido fazer mais do que fiz, como o meu dever tem podido exigir, se os meios de acção e a tropa me sobrassem, conforme fiz ver a Vossas Altas Mercês na minha carta precedente.

A deficiencia de forças não nos impedio de atacar o inimigo com exito, não pudemos oppor-lhe a necessaria resistencia, porque desde que a companhia pôz pé no Brasil, nunca esteve tão mal provida de forças militares como está agora.

Espero que Vossas Altas Mercês conseguirão pôr as cousas em melhores condições e que as Camaras, atrazadas na remessa de contingentes, serão obrigadas a tornar effectiva tal remessa. Mandei ao Conselho dos Dezenove a lista exacta das Camaras em atrazo.

E' para deplorar que o zelo da Companhia de Commercio vá se enfraquecendo justamente em um momento em que, graças a Deus, ella ia começar a gosar as riquezas do Brasil, visto como no verão actual, se o céo nos guardar dos ataques do inimigo, receberá trinta barricas de ouro (3.000.000 de florins) e o dobro no anno que vem, segundo o conceito dos portuguezes.

Se Vossas Altas Mercês conhecessem perfeitamente o Brasil, não padece duvida que velariam pelo bom abastecimento de quanto carecemos, atirando-se dest'arte um grande golpe ao rei de Hespanha—Mauricio, Conde de Nassau».

A voz clamava quasi no deserto. Os Estados Geraes, o Conselho dos Dezenove a attendiam communicando que o general de artilharia, Artichofsky partia para o Brasil com 2.700 homens, contingente que não bastava para preencher os claros das tropas. A mãi patria, conforme as expressões de Nassau, parecia es-

tar fazendo muita cousa em favor dos interesses hollandezes no Brasil e afinal enviava soccorros que nada permittiam tentar.

Vê-se Nassau trabalhando de continuo por apprehensões, por desgostos, ferido pela desconfiança que, guardadas as proporções, a república commercial de Carthago manifestava tambem a Annibal.

O mallogro de ataque á frota da Prata, o apparecimento, no Recife, de trinta e tres velas da esquadra hespanhola, atormentam Nassau, sempre a malhar em ferro frio, a concitar a Companhia a envidar todos os esforços para conservar o Brasil.

De um lado o máo humor, o amuo constante da Companhia; do outro lado Nassau a prestar, obediente, as contas da gestão, a remetter, por exemplo, aos chefes, a relação circumstanciadissima das forças de terra e mar, a 18 de Fevereiro de 1639. Tres mil oitocentos e vinte homens validos para se tornar senhor do Brasil septentrional, eis quanto nessa data Nassau tinha ás ordens como forças de terra!

A tensão de relações entre Nassau e a gente da metropole chega ao estado agudo, em meiados de 1639. Artichofsky, general de artilharia, vem ao Brasil, semeia intrigas e colhe discussões.

Artichofsky começa por insinuar ter vindo ao Brasil para fiscalizar Nassau. Não perde ensejo de desmoralizar o Governador, publicamente ou aos cochichos. Nassau o foi supportando até o transbordamento dos dissabores. Em extensa carta, o Conde Mauricio inunda os Estados Geraes de queixas, graves e minuciosamente relatadas, contra Artichofsky. Este, em vez de cuidar da artilharia, se entrega de bom grado ao disparo das settas do amor, á pandega, em estylo singelo.

Contra Artichofsky juntou Nassau provas documentaes e num momento dado mandou á Companhia o seguinte «ultimatum»: «ou Artichofsky sahe do Brasil ou eu». Resolve-se o dilemma contra Artichofsky. Elle parte e a sua retirada, diz Nassau, torna «o mar convulso e agitado, um mar tranquillo e pacifico».

Afastado o auxiliar perfido, Nassau continúa a bracejar «nesse mar tranquillo e pacifico». Em Julho de 1639 as forças do inimigo o deixam perplexo. A fome não anda longe. «Não basta mandar reforços, clama Nassau, cumpre enviar viveres: sem isso os reforços terão a fome, nova calamidade».

O desespero vai subindo. Em Outubro de 1639 Nassau está decidido a enfrentar o perigo, o inimigo, o destino. Sente-se-lhe o desalento na alma, profundo, desarmando-o antes dos contrarios. Não escreve, geme ou grita: «E' melhor perecer logo, de espada em punho, a morrer de fome».

«Que Deus perdôe aos causadores de tanta miseria». Van Der Dussen, antigo conselheiro secreto, parte então para a Hollanda. Ia expor, de viva voz, o estado critico da colonia.

Em Maio de 1640 a tempestade não amaina. A sahida de Artichofsky afasta de certo um intrigante, mas não consegue deixar «o mar tranquillo e pacifico». Ha mil cousas a occupar a attenção e desasocego de Nassau: a expedição de Luiz Barbalho, na ponte do Touro; a captura do Almirante Antonio da Cunha de Andrade, remettido para a Hollanda, onde se devia detel-o, por ser official destemido e prejudicial á causa hollandeza; a chegada de pressa da Bahia; a partida, para as Indias Orientaes, de todos os ecclesiasticos excitadores do povo contra o Hollandez.

Em Setembro de 1640, Nassau ainda se agita e providencia, noite e dia. A expedição de Barbalho, diz elle, num rasgo de poesia ensanguentada, «desappareceu como a neve aos raios do sol».

Quanto horror, quantas lagrimas para que uma expedição se derreta qual a neve sumindo aos raios do sol!

Represalia á expedição Barbalho, uma expedição hollandeza assaltou a Bahia.

Que quadro! Vinte e sete engenhos são devastados. Só oito ficam de pé. Excepto mulheres e crianças, a população desapparece, dizimada a ferro e fogo.

Se houvesse á mão a esquadra hollandeza maior seria o esforço, mais extensa a crueldade. Mal a esquadra batava se faz ao mar, chega á Bahia outra esquadra, com dezoito náos, dous mil e quinhentos homens e o Vice-Rei Jorge de Mascarenhas.

Nassau sente, com prazer, chegar a época da terminação do seu mandato. E' a alegria do soldado que vê approximar-se a época da baixa. «O clima do Brasil, a 10 de Janeiro de 1641, allega Nassau, enfraquece muito as forças humanas e não posso continuar a supportal-o».

Peior do que a saúde, lhe andava a paciencia. A Companhia, os Estados Geraes, continuavam surdas ás vozes do conde. O peior surdo é o de ouvidos sãos e pouca vontade de ouvir.

Carecia-se da creação de um conselho vitalicio da companhia no Brasil, conselho destinado a tratar diariamente dos negocios correntes. Não podia haver negocios sérios, nem providencias amadurecidas. Os directores da companhia viviam num entra e sahe, cuja consequencia era relaxação e balburdia.

As cartas de Nassau, segundo elle, quasi não eram lidas. Pediam-se explicações sobre certos negocios e como resposta final se apurava que taes negocios já haviam sido resolvidos. Era a confusão elevada á altura de um principio. Dous annos levara Nassau a solicitar a expedição de um regulamento sobre os engenhos.

As cartas do Conselho dos Dezenove não continham cousas sérias. Tratavam de futilidades, de receitas para preservar os casacos dos soldados, da remessa de pennas de avestruz.

O Conselho despachava para o Brasil commissarios com instrucções completamente oppostas ás despedidas anteriormente, commissarios leigos em allemão e em portuguez.

Na metropole se apostava para saber onde alfinetar mais Nassau. A camara de Amsterdam não se contenta com o alfinete, vai ao apunhalamento da autoridade

de Nassau, prohibindo-lhe a nomeação de capitães e altos funccionarios, medida contra o absurdo da qual protestava Nassau.

Em Maio de 1642, o conde governador despacha para a Hollanda um informante seguro, destinado a mostrar officialmente á companhia as mazellas do Brasil hollandez; era o conselheiro e secretario intimo João Carlos Tolner.

Realmente, segundo Nassau, a companhia se mostrava disposta a deixar os seus servidores, em Pernambuco, no regimen das solitarias, a pão e agua.

Em tres mezes remette oitenta barricas de farinha. E Nassau põe diante da companhia o balanço da sua despensa, a 14 de Junho de 1642: vinte e quatro barricas de carne, vinte e tres de toucinho, vinte de farinha de centeio, trinta meias-barricas da mesma, dezesete envolucros de farinha de outra qualidade, oito barris de vinho hespanhol, dezoito pipas do mesmo vinho, dous mil e duzentos alqueires de sal, seis caixas de queijo, meia pipa de vinho francez, meia de aguardente, cincoenta e quatro medidas e quatorze meias medidas de azeite, tudo isso attestado pelo commissario dos viveres, Francisco de Swerts.

De Mauritztad, a 24 de Setembro de 1642, declara, porém, Nassau, a despeito de toda a pequenez da grande companhia, continuar no Brasil, como governador, a pedido da referida companhia, embora reconheça que nunca o poderio hollandez esteve tão ameaçado no Brasil. Os officiaes se queixam, os Portuguezes murmuram. Nassau se mostra dorido da ingratidão do Conselho dos Dezenove. Pede que se não dê credito aos numerosos e offensivos boatos postos em circulação na Hollanda contra a sua honra.

Nassau mostra a mingua de viveres, as difficuldades de manter a sua côrte e até de prover á sua mesa. Durante tres annos não se lhe pagou ordenados.

Deviam-lhe 66.000 florins annuaes; multiplicados por tres annos, representam um calote de 198.000 florins.

«Fui mandado, adverte Nassau aos Estados Geraes, a mais de duas milhas de mar, num paiz dilacerado pela guerra, onde não existia nem religião, nem justiça, nem commercio, onde, em seis annos, consegui formar um estado regular e poderoso, resistindo a uma frota de oitenta e seis velas, com dez mil homens de tropa embarcada, conquistando Angola e o Maranhão».

Realmente Nassau fez muito pela companhia. Esta mais parecia um congresso de avarentos do que uma empreza intelligente, disposta a conservar uma colonia e a desenvolver seu ramo de negocio.

Na constancia do seu governo, Nassau soube não só combater, como organizar, construir e até cuidar de cousas artisticas e scientificas, o que ainda hoje lhe recommendam altamente o nome e mais o recommendam após a leitura da correspondencia de Nassau. Essa correspondencia o mostra a debater-se entre mil difficuldades, solicitado pelas operações do inimigo e pelas exigencias da companhia, esta sempre a encaral-o desconfiada, com suspeitoso canto de olhos, resmungona, pedindo mundos sem dar fundos. A divisa da companhia parecia ser o dito hollandez: «de rukken bedrven den mond van paard», as sacudidelas estragam a boca do cavallo.

A ultima carta de Nassau, datada de Mauritztad, a 7 de Novembro de 1643, é uma verdadeira carta de alforria.

E' a carta de adeus ao Brasil.

Nassau toma rumo da Hollanda. Pernambuco fica entregue ao desazo da companhia. Nassau segue o seu destino ainda glorioso, por muito tempo, Stathalter de Cleves, em 1647, ao serviço de Brandeburgo; membro da Dieta de Francfort, em 1658; embaixador de Brandeburgo, referendador de tratados importantes; feldmarechal das tropas hollandezas contra Luiz XIV, distincto em Senef; governador de Utrecht, só em 1674

Mauricio Nassau se recolhe á vida privada. Com setenta e cinco annos de idade, a morte o vence em Bergenthal, perto de Cleves, a 20 de Dezembro de 1679.

A' luz da sua correspondencia, suppuzemos evocada a vida de Nassau na antiga residencia delle, o actual museu de pintura de Haya, onde tantos primores exaltam á saciedade a pintura flamenga, de modo a enthusiasmar o professor Araujo Vianna, tão versado em arte.

Deixemos, pois, o velho palacio de Nassau, saiamos. Imaginamo-nos no Mauritshuis no inverno, num dia de chuva, dia escolhido de proposito para poder meditar socegadamente no museu. A parte posterior delle dá para a agua, para o «Vyver», grande tanque rectangular onde deslizam palmipedes e onde se reflectem as arvores do passeio do «Vyverberg».

Fiquemos, depois de ter costeado a balaustrada, fronteira ao Museu Municipal, a passeiar pelo «Vyverberg», a contemplar de longe o velho palacio de Nassau, museu onde se expõe, aos olhos do espirito, um largo quadro da historia brasileira.

O palacio se reflecte nas aguas do «Vyver», o grande tanque, poetico, sereno e sombrio. Tanques e canaes não faltam na Hollanda. Num dia de máo humor, cousa frequente nelle, Voltaire, cesariamente breve, grosseiro e injusto, pretendeu definir a Hollanda, reduzindo-a a tres palavras: «Hollande: canards, canailles, canaux».

Escragnolle Doria.